

“Não consigo viver longe da minha língua”

Antes de mais, para entendermos esta declaração do Prémio Nobel da Literatura, Jorge Seféris, poeta, diplomata e cidadão grego e do mundo, foi necessário que alguém a traduzisse da sua língua. A difusão do saber e o conhecimento de outros povos e culturas passa, obrigatoriamente, pela língua que falam.

Seféris, regressado de Paris, onde estudara durante alguns anos, não justificou a sua decisão de voltar à Grécia dizendo que não podia viver longe dos seus, ou da Pátria, ou da terra, ou dos sabores, dos aromas de seco, verde e mar, de certa luz ou enseada insular, de certa forma de vida e de pensamento. Disse tudo isto de uma forma simples: “a minha língua”.

Quando nos vemos gregos para entender alguma coisa ou, simplesmente, “vamos à terra” em vez de enunciarmos o nosso lugar natal, o significado do que dizemos ultrapassa a soma das palavras que utilizamos. Aprender uma língua é entender, além da mensagem linguística, a mensagem cultural que veiculam.

Talvez por isso, o grupo de sábios que se debruçou sobre o significado e o futuro do multilinguismo na Europa tenha adoptado, para uma das duas línguas estrangeiras que todos deveriam aprender, a expressão “língua pessoal adoptiva”. No relatório que elaboraram, expõem a importância de aprendermos duas línguas estrangeiras e de sabermos uma delas como se fosse a nossa língua adoptiva. Assim podemos entender que cada um a escolhesse de acordo com o interesse por um dado país, a atracção por uma dada cultura, e não uma língua, para todos a mesma, que se transforma em código artificial – simples sinais para comunicarmos. A nossa riqueza está no que somos, que recebemos por herança e que a língua veicula como os cromossomas. Assim seria possível, num frente-a-frente, por exemplo, luso-helénico, utilizar-se uma das línguas comuns e não uma terceira, simples código convencionado.

O tesouro da Europa reside no entendimento, o qual passa pela soma das nossas individualidades. As conclusões do grupo de sábios não anulam o significado das palavras de Seféris – nem das de Fernando Pessoa, quando disse: “a minha Pátria é a língua portuguesa”. Acrescentam-lhes a dimensão necessária para transpormos Babel, porque o multilinguismo é uma ponte para a Europa e para o mundo.